

ALCIDÉ D'ORBIGNY

1802 — 1875

ENCARREGADO pelo Museu de História Natural de Paris de fazer uma expedição científica pela América do Sul, Alcide Dessalines D'Orbigny, que mais tarde seria considerado "um dos viajantes e naturalistas franceses mais distintos", partiu para o nosso continente em Junho de 1826.

Quatro meses depois chegava ao Rio de Janeiro, donde, após curta estada, rumou para Montevideú, empreendendo uma viagem pela Banda Oriental. Seguiu para a República Argentina, visitou Buenos Aires, as províncias de Corrientes, Santa Fé, e Entre Rios, e a região de Missiones. No Chaco entrou em contacto com os índios Tobas e Lengüas. De volta a Buenos Aires foi a Baía Blanca e à Patagônia, região essa até então não explorada cientificamente, estudando durante 8 meses os seus curiosos habitantes. Novamente em Buenos Aires, fez-se ao mar, rumo ao Pacífico, contornando o Cabo Horn, tocando em Valparaíso, no Chile. Penetrando no Perú por Callao, atravessou este país, e, descendo pela vertente oriental dos Andes, foi ter a Cochabamba e Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia. Em território boliviano, visitou as províncias dos Chiquitos e dos Moxos, pisando em terras brasileiras no Forte Príncipe da Beira, à margem direita do rio Guaporé.

Dentre os cientistas estrangeiros que nos visitaram no século passado e estudaram a nossa terra Alcide D'Orbigny foi, como se vê, um dos que menos tempo nela se demorou. Não obstante, na sua estada relativamente curta em terras brasileiras (o objetivo principal da sua viagem era conhecer o continente sul-americano em geral e, particularmente, o ameríndio), observou e descreveu minuciosamente as regiões que ia conhecendo em trânsito. Na sua "Voyage dans l'Amérique Méridionale", deixou-nos numerosas observações de reconhecido valor geográfico, colhidas em 1826, no Rio de Janeiro, e, em 1832, pela fronteira da então província de Mato Grosso.

Durante a sua curtíssima permanência, de 17 dias apenas, na capital do Reino, (enquanto aguardava a partida do navio que o levaria a Montevideú), dedicou-se a "buscas de história natural e excursões nos arredores do Rio para ter uma idéia geral do país", observando ligeiramente a geologia, os habitantes e costumes da cidade. Visitando novamente o Brasil, no extremo oeste de Mato Grosso, recolheu interessantes informações quanto à geografia física, flora e fauna daquela região, quando em excursão pelas cercanias do Forte Príncipe da Beira e em viagem, ao longo da fronteira brasileiro-boliviana, rio Guaporé abaixo, num percurso de 160 km, do referido Forte, até à foz desse rio no Mamoré. Ao contrário do que se vem afirmando de longa data, D'Orbigny não esteve em Vila Bela de Mato Grosso. Era desejo seu visitar a antiga capital dessa província, mas, por motivos particulares, desistiu de tal intento, conforme declara na sua "Voyage".

Apesar de relativamente pouco, é valioso o material informativo de caráter geográfico, referente ao Brasil, colhido por D'Orbigny em rápidas passagens pelo nosso território, e não menos importante é a excelente contribuição, deixada pela notável erudição geográfica e agudeza de observação do grande sábio, para o estudo da hidrografia e relevo sul-americanos.

Estudando, na região fronteiriça do extremo oeste matogrossense, o divisor de águas entre os rios das bacias amazônica e platina, concluiu — como o fizeram mais tarde Castelnau, Liais, Leverger e Hartt — que as bacias hidrográficas nem sempre são delimitadas por serras e cordilheiras, conforme a clássica e frequentemente errônea representação de divisores, pois, em inúmeros casos, devido à fraca declividade do terreno, as águas de bacias diferentes se comunicam nas cheias, citando, como exemplo, a comunicação da bacia amazônica com a platina. "Poder-se-ia crer, diz D'Orbigny, que o divisor de águas entre os dois maiores rios do mundo é nitidamente marcado por cadeias proporcionadas ao comprimento de suas vertentes; mas isso não se dá; as águas do Amazonas e do Prata se confundem em vários pontos diferentes, de maneira a permitir, com pouca despesa, um sistema de canalização atravessando o interior de todo o continente americano, da linha equatorial ao paralelo de 34° Sul".

No domínio da etnografia também avulta a obra de D'Orbigny com relação ao Brasil: no seu ensaio de divisão dos povos indígenas sul-americanos, classificou-os sumariamente em 3 grandes raças, distribuindo-os por todo o continente. Na grande raça "brasileo-guaraní", agrupou todos os selvícolas brasileiros, refletindo assim — dada a falta de mais numeroso material de estudo — o espírito ao qual Ennenreich chamou tupimania, tendência a se reduzirem tribus distintas e mesmo grupos diferentes a uma só expressão geral — o grupo tupi. "D'Orbigny, escreve Roquete Pinto, teria sido o fundador da antropologia indígena sul-americana se houvesse podido estudar mais tipos naturais". As suas observações etnográficas estão condensadas no "L'Homme Américain".

Voltando à França, após 7 anos de longas peregrinações, obteve o grande prêmio da Société de Géographie; o rico material geográfico, geológico e etnográfico, colhido na sua memorável viagem foi publicado, às expensas do governo francês, com o nome de "Voyage dans l'Amérique Méridionale". Pelos seus méritos ocupou uma cátedra no Museu (Jardin des plantes), em 1854, e foi presidente da Société Géologique de France.

D'Orbigny foi um verdadeiro cientista. O seu pendor e gosto acentuado pelas ciências manifestou-se desde tenra idade: com 20 anos apenas, já fazia a sua primeira comunicação à Académie de Sciences, com um trabalho sobre os foraminíferos dos terrenos dos arredores de Paris! Mais tarde viria a ser um dos fundadores da paleontologia estratigráfica.

A bibliografia de D'Orbigny consta de numerosos trabalhos geológicos, paleontológicos, etnográficos e geográficos dentre os quais se destacam: "Paleontologie française" (1840-60); "Cours élémentaire de paléontologie et de géologie stratigraphique" (1851-52); "Géologie de l'Amérique méridionale, indiquant différent époques géologiques"; "Coupe du cours du Paraná, ayant 120 lieues géographiques"; "Voyage dans l'Amérique Méridionale"; "L'Homme américain"; etc., além de um número considerável de cartas e cortes geológicos de diversas regiões da América do Sul.

